



Anais do 30 Encontro da Rede de Pesquisa em Governança da Internet

Manaus, 01 de outubro de 2019

ISSN: 2675-1690 v.3, 2020

INFRAESTRUTURAS DE COMUNICAÇÃO E LÓGICAS DE VISIBILIDADE: PENSANDO A REDE

Camila Montagner Fama¹

RESUMO

O artigo a seguir tem como sustentação a reunião e discussão de diferentes graus de visibilidade do que pode contar como infraestruturas comunicacionais. A discussão se dá a partir da reunião de experiências de instalação de redes mesh com obras exibidas na mostra Campos de Invisibilidade, realizada no início de 2019 no Sesc Belenzinho, em São Paulo. As experiências reunidas aqui são *Comparing Two Community Network Experiences in Brazil*, de Bruno Vianna e *Libertades con senderos que se bifurcan en red*, de Daniel Daza Prado. As obras *No Fundo das Marés*, de Tabita Rezaire; *Landing Monet*, de Ruy César Campos; e *Montanha Branca*, de Emma Charles também fazem parte dessa pequena coleção. A configuração inicial dessas malhas podem implicar práticas para reunir apoio local e colocar as redes mesh em funcionamento, ausências do Estado, silêncios da iniciativa privada, demandas daqueles que são conectados pela rede e das organizações públicas ou não governamentais que financiam iniciativas de conexão. Entretanto, considerando que as interzonas que se configuram nessa atividade de instalação fazem ver parte daquilo que antes não se via, essa leitura particular se estende na direção da exposição Campos de Invisibilidade em busca de modos de dar a ver o que pode contar como infraestruturas de informação e comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Infraestruturas; Tecnologia; Arte.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail de contato: cam_tag@riseup.net

ABSTRACT

The following article stands as a gathering and discussion about different degrees of what can count as communications' infrastructures visibility. The discussion starts gathering experiences of mesh networks installment that take textual forms with some of the works of *Campos de Invisibilidade*, an art exhibit that took place in São Paulo. The experiences of mesh networks set ups gathered here are *Comparing Two Community Network Experiences in Brazil*, by Bruno Vianna e *Libertades con senderos que se bifurcan en red*, by Daniel Daza Prado. In its initial configuration, these meshworks could imply practices to raise local support and make it functioning, state absences, private sector silence, demands from who became connected, non-governmental and public organizations funding connection efforts. However, considering that the mixed zones configured in those activities of installment make visible some previous eclipsed entanglements, this particular approach get a move on the direction of the art exhibit Campos de Invisibilidade searching for way to make seen what could count for information and communication infrastructures.

KEY WORDS

Infrastructures; Technology; Arts.

INTRODUÇÃO

Primordialmente, o que me permitiu escrever sobre visibilidade daquilo que pode contar como infraestrutura de comunicação e informação foi a atividade que o laboratório hacker rural Nuvem realizou na Vila de Fumaça (Resende, RJ) para a instalação de uma rede mesh com interoperabilidade com a internet comercial, a experiência narrada da instalação e o nosso encontro – que tomou traços de uma etnografia (FAMA, 2018). É insistindo nesse modo de fazer ver cabos, antenas, roteadores e pontos de conexão, que me permito colocar em relação a experiência narrada sobre a ocasião da instalação da rede de Fumaça com os modos de fazer ver que encontrei na exposição Campos de Invisibilidade (SESC Belenzinho, SP).

É com esse fio puxado da etnografia e entrelaçado com as obras de três artistas que compuseram a exposição Campos de Invisibilidade que busco, no artigo, seguir pensando em modos de dar a ver os movimentos e desvios nos encontros com aquilo que conta como infraestrutura de comunicação e informação.

Para tanto, a proposta é experimentar as narrativas das experiências dos encontros com aquilo que conta como infraestrutura da informação comunicação como reminiscências que não buscam ser a expressão mais perfeita, a palavra final,

nem tampouco se resumem a representações. Narrativas que não anseiam por um momento anterior ao encontro no qual se projeta uma ausência das “redes de conhecimento e poder” com seus “longos filamentos e gavinhas tenazes no tempo, no espaço e na consciência, a dimensão da história do mundo” (HARAWAY, 1995, p. 29). Reminiscências do que o encontro com aquilo que conta como tecnologia pode vir a ser e que, por serem narrativas, se situam no tempo específico da experiência narrada. Que apesar serem contingentes, não terem as dimensões das redes de conhecimento e poder, também não suscitam o seu esquecimento. Narrativas que permitem a relação.

Narrativa é aqui entendida como uma expressão da experiência (KOFES, 2015), uma vez que seus praticantes mobilizam a experiência vivida e repertórios vitais para dar e criar o sentido narrado. Como coloca Suely Kofes, a experiência pode ser considerada na medida em que se experimenta “não opor a estrutura e o vivido, o observável e o concebido, de abrir-se a expressões” (Idem, p. 35).

Entretanto, cabe ainda dar conta das distâncias entre as dimensões ínfimas e, ao mesmo tempo, monumentais desse encontro. Como acessar essa experiência de entrar em relação com aquilo que conta como infraestruturas de comunicação e informação? O encontro é uma das estratégias da aproximação experimentada no trabalho aqui apresentado. Partindo de um estranhamento daquilo que é tomado como “transparentemente normal” (HARAWAY, 2013), Donna Haraway propõe uma “prática de conhecimentos situados nos mundos da tecnociência” como aquela que não nega consequência e vivacidade àqueles que foram considerados passivos, congelados, inconsequentes na história da filosofia ocidental (Idem). Nesse sentido, as agências e os atores tomam forma nos encontros e nas práticas, e não por uma essência original ou pelo que já está dado em matéria de valor explicativo.

Se colocar em presença daquilo que conta como infraestrutura de informação e comunicação onde ela não é óbvia ou se quer esquecida, nesse sentido, não coincide com dissecar a sua presença – pois a presença não precede o encontro (HARAWAY, 2013; 2008). Para que seja possível seguir o artigo com tal noção de encontro, também vale ressaltar que o tempo criado nas experiências narradas desses encontros não se basta como expressão exemplar de seus movimentos e desvios, mas interessa na medida em que pode constituir uma dimensão estratégica de visibilidade.

Alguns dos movimentos e desvios são tão mais estratégicos quanto podem permanecer menos visíveis, não cabendo aqui expor seus pormenores. Na etnografia (FAMA, 2018), trabalhei a questão dos movimentos e desvios mais estratégicos me valendo da noção de usos não alardeados como uma chave de entendimento importante para se pensar práticas culturais com o laboratório hacker rural Nuvem.

No sistema que pode contar como distribuição convencional de produtos culturais, os usos não alardeados dizem respeito às práticas não autorizadas que se valem de produções culturais que são fixadas a um suporte físico, mesmo quando se tratam de cópias feitas em grande escala como impressos, vinis, etc. A proposta de recuperar essa noção se estendia no sentido de pensar os sistemas de distribuição de uma parte da produção cultural-tecnológica atual – a partir das práticas e reflexões ativas pela Nuvem – de modo a não desvinculá-la completamente de sua sustentação física, que é eminentemente o que conta como grandes infraestruturas de informação e comunicação.

Ainda cabe considerar que o tempo criado nas experiências narradas faz parte de um emaranhado de editais, publicações, editoras, eventos acadêmicos, etc – em tempo, o que inicialmente chamo de narrativas são duas produções escritas (um artigo publicado em anais de congresso, que por sua vez compõe uma pesquisa etnográfica; e um capítulo de livro) que constituem a experiência narrada da implantação da rede na Vila de Fumaça – que compõem o nó e por isso mesmo também contingenciam especificamente o alcance dessas experiências. Trabalhei com essas duas experiências narradas (respectivamente por Daniel Daza Prado, então pesquisador vinculado à Universidad Nacional de San Martín; e Bruno Vianna, então um dos coordenadores da Nuvem), por sua vez, no escopo da etnografia durante o mestrado, o que traz ainda outras contingências em sua trilha.

Por fim, fica a inquietação do que pode um tempo criado ao se narrar uma experiência quando o que se pretende é dar a ver movimentos e desvios nos encontros com aquilo que conta como infraestrutura da informação e comunicação. Quais formas esses encontros podem vir a tomar? Quais das suas dimensões a experiência narrada permite capturar?

Sylvia Caiuby Novaes (2008) ressalta que os praticantes da etnografia deixam transparecer no texto uma hierarquia que prioriza a explicação em seguida da

descrição, deixando a experiência por último. Buscando tirar a escrita etnográfica do centro dessa pretensão de dar a ver, considerando que ela traz a dimensão da experiência a reboque por ser “herdeira de uma tradição logocêntrica e eminentemente verbal” (NOVAES, 2008, p. 468), o artigo segue com o experimento na direção daquilo que pode contar como arte, com o ímpeto de fazer uma aproximação mais imaginativa da dimensão da experiência.

É na tentativa de fazer um convite à experiência sem enclausurar o sentido do encontro que são trazidas para a tessitura do artigo as linhas de aproximação com aquilo que conta como infraestrutura da informação e comunicação – linhas propostas pelos artistas Tabita Rezaire, Ruy César Campos e Emma Charles. Não se trata tanto de buscar se desvencilhar da intrincada hierarquia logocêntrica apontada por Novaes (2008), quanto de uma busca por experimentar as diferentes formas que tomam os encontros.

Chamar esse enlace de experiências narradas, entretanto, não implica que elas sejam equivalentes ou semelhantes. Ao tratar os dois artigos, a videoinstalação, o vídeo e o documentário ficcional por experiências narradas, busco evidenciar como as diferentes elaborações podem dar a ver dimensões específicas dos encontros com o que conta como infraestruturas da informação e comunicação – nos levando a considerar e reconsiderar o que se pode conhecer a respeito delas, arranjando e desviando as linhas que passam a constituir e tensionar seus enlaces.

Ao insistir em colocar em questão o que pode vir a ser ativado nesses encontros, o trabalho experimenta estranhar cartografias de interesses e o engendramento de noções de eficiência em torno de certas práticas. As experiências narradas são mobilizadas aqui como linhas que passam a integrar e ativar dimensões dos acontecimentos, numa chave de entendimento material-semiótica que foi trabalhado por pesquisadoras como Puig de La Bellacasa (2010), Haraway (1997), Myers (2014) e Stengers (2008).

FUMAÇA

As experiências narradas do mutirão para instalação da rede mesh com interoperabilidade com a internet comercial destacam o que pode ser apreendido e

coletivizado no encontro com aquilo que conta como infraestrutura da comunicação e informação, que não coincide com deter acesso privilegiado aos mundos de sentidos movimentados por essas infraestruturas.

O mutirão chamado de Fumaça Data Springs tomou lugar na Vila de Fumaça no início do inverno de 2015. A vila carrega o nome da Cachoeira da Fumaça, que fica sob uma aparente neblina e está dentro do arranjo biopolítico que configura os contornos da Área de Proteção Ambiental da Serra da Mantiqueira.

Até 2015, a praça principal da vila era o destino mais próximo para quem buscasse conexão com a internet comercial em Fumaça. Lá havia um ponto de wi-fi implantado pelo poder público, que por sua vez foi conectado com a rede mesh durante o mutirão, configurando assim uma rede mesh wi-fi – que é uma rede mesh com interoperabilidade com a internet comercial. A Vila de Fumaça também era um dos endereços do laboratório hacker Nuvem.

O texto de divulgação do mutirão de instalação da rede mesh wi-fi de Fumaça destacava como “redes comunitárias” a Guifi.net, Quintana Libre e Delta Libre; sendo aquelas que teriam seus voluntários enviados até a vila para a ocasião. O anúncio também citava rapidamente “uso cidadão do espectro” que seria um uso operável onde as empresas de telecomunicações não chegam.

O artigo de Bruno Vianna (2017) enfatiza que a atividade de implantação da rede mesh incitou “confiança” na comunidade da Vila de Fumaça. No texto ele caracteriza a rede como “comunitária”. Daniel Prado (2016), por sua vez, escreve um material no qual a mesma rede aparece como “livre”, tomando como referência o software livre. Ainda assim, no texto de Prado o próprio termo “rede” é obliterado por sentidos que indicam arranjos de proximidade entre pessoas – como comunidade, vizinhos, etc.

O que ele destaca na experiência em Fumaça é esse “começo” colocado em movimento pela atividade ali organizada como uma emergência significativa na relação entre a comunidade e a infraestrutura tecnológica.

Uma vez que aprender sobre a rede, implantar nós e compartilhar conexão em Fumaça não são ações pensadas para serem executadas pelas pessoas que partem rumo ao mutirão em nome dos vizinhos e sim por eles mesmos, temos um sentido

atribuído às atividades mencionadas nos textos que contaram com os membros dessa comunidade local – reuniões, saídas para instalação e workshops – como ocasiões para conhecer, coletivizar e construir a rede.

Proponho, entretanto, a interferência que consiste em pensar os sistemas de distribuição de uma parte importante da produção cultural-tecnológica atual – a partir das práticas e reflexões descritas até aqui seguindo o percurso do hacklab Nuvem – de modo a não desvinculá-la completamente de seu suporte físico, que são eminentemente aquilo que pode contar como infraestrutura de comunicação e informação.

Uma rede mesh pode ser simplificada descrita como sendo aquela que permite que dispositivos conectem-se diretamente uns com os outros sem passar por um ponto central. Nesse sentido, é possível considerar como uma intervenção nesse modo de se relacionar com aquilo que conta como infraestrutura de informação e comunicação a forma pela qual o mutirão em Fumaça diminuiu em alguns graus a invisibilidade dessas estruturas, que tem o seu significado canalizado como algo incorpóreo ou imaterial, como se os fluxos de informação circulassem organicamente no éter, sublimando a existência de componentes de um sistema de controle ou de gerenciamento.

Ao mesmo tempo, como essa rede tem interoperabilidade com a internet, os moradores daquela comunidade passam a se inserir com mais intensidade em um sistema que é controlado a partir de grandes infraestruturas de comunicação e possui seus próprios mecanismos de expropriação, como a exploração comercial de uma massa gigantesca de dados.

Essa massa de dados também passaria a ser acrescida a partir das atividades daquela comunidade online – que desde então podem se dar a qualquer momento e em qualquer ponto da comunidade, não só na praça onde havia o ponto de wi-fi público – e dos dispositivos conectados na rede comunitária. É importante colocar em perspectiva que estamos falando de dois graus de liberdade e controle diferentes quando se trata de uma rede comunitária de alcance limitado que tem uma ligação com uma autonomia parcial e situada em relação às redes que tem parte da infraestrutura local em interoperabilidade com a internet.

Tal interpretação, recuperada da dissertação, também é especificamente parcial e pode ser considerada em sua ligação com preocupações como as que estão presentes em certos estudos sociais das ciências. Adele Clarke, por exemplo, escreveu em 1991 que “as inovações tecnorganizacionais de uma era se tornam as (frequentemente de invisíveis) infraestruturas da próxima” (Clarke et. al, 2003). Uma outra sugestão que vem da antropologia da ciência e da tecnologia trazida por Natasha Myers (2014) é a de que as associações, renderizações, metáforas e etc tornam possíveis visualizações e intervenções que, por sua vez, podem vir a fazer parte de estratégias e práticas específicas.

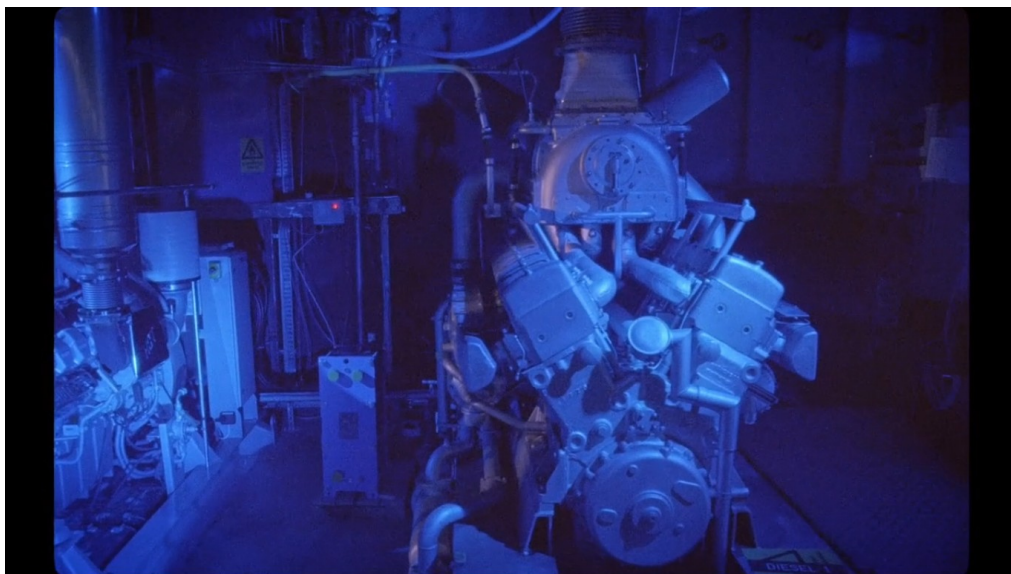
Levando em conta os graus de invisibilidade que a acabei de mencionar, cabe aqui adicionar uma pergunta, que é a pergunta que me faz estender esse trabalho até a descrição de algumas das obras da exposição Campos de Invisibilidade: precisamos de novas associações e visualizações dos encontros com as infraestruturas de comunicação? Quais visualizações e associações? E de quais dimensões desses encontros?

A VIDA SECRETA DO PLANETA

As mudanças no ritmo da vida implicadas na velocidade de circulação dos dados podem ser sutis, como um zunido estranho a ressoar no subsolo, ou pretensiosas como as demonstrações de que é possível fazer com que uma mensagem viaje em instantes ao redor do planeta sem nenhum destinatário em particular. O curta documental ficcional de Emma Charles (2016) expõe a profunda dimensão militarizada do gerenciamento de dados, na qual cada detalhe é minuciosamente trabalhado para receber instalações que parecem completamente fora do lugar, prontas para habitar um futuro no qual os ritmos da superfície sejam uma memória distante.

Camuflado sob rochas de granito no endereço que sediou um bunker na época da Guerra Fria voltado para defesa civil, o data center Pionen guarda segredos trinta metros abaixo do solo de Estocolmo. O bunker é apresentado já após sua repaginação para receber o data center, uma repaginação que fez com que o lugar parecesse propositalmente cenário de trama de ficção científica do século passado.

Figura 1: Frame de Montanha Branca, de Emma Charles



O filme destaca, principalmente ao compor uma paisagem sonora dentro e ao redor do Pionen, as temporalidades da geologia e dos dados. A convivência entre ambas dá a ver a dimensão mundana dos dados e os movimentos das profundezas do planeta, duas temporalidades agindo uma sobre a outra.

A narração do curta-metragem, escrita por Jussi Parikka, interfere poeticamente na estabilidade com que se desdobram essas temporalidades trazendo questões sobre a forma como elas destoam do ritmo da superfície. Os disparos e armazenamentos de dados são colocados nos termos de partidas e chegadas “no subsolo, como um terminal aeroportuário massivo para tráfego de dados”.

O filme dá concretude para o que pode ser entendido como zona de paz – seguro e fora de perigo está somente aquilo que se encontra praticamente fora de alcance dos que vivem na superfície, como estão nesse caso os dados centralizados no Pionen. Isso é algo que é reforçado pelas descrições que acompanham o filme: descrições que enfatizam que entre aquelas máquinas já estiveram os servidores do Wikileaks e do Pirate Bay. O filme acaba por tratar aquele lugar como uma dimensão profundamente militarizada, sugerindo uma problematização dos tipos de relações que se pode ter com dados como aqueles que são armazenados ali e com a própria ficção científica.

A MÁQUINA DE FAZER PROGRESSO

Depositar um cabo óptico no assoalho do oceano pode ser uma atividade custosa, silenciosa, burocrática. No caso de cabos que ligam países diferentes, envolvem acordos de cooperação. Os custos da operação desses cabos fazem com que eles fiquem invariavelmente em mãos de grupos que já concentram poder, como consórcios de empresas multinacionais. Não é difícil imaginar que boa parte da movimentação exigida para aterrisar um cabo no fundo mar seja uma série de reuniões de portas fechadas.

Mas isso não é tudo, pelo menos no caso do cabo batizado de Monet e sua chegada em Fortaleza. Havia ali uma movimentação ruidosa, com escavações e anúncios de boas-vindas. Chegaram na Praia do Futuro os microfones, os repórteres, os operadores de máquinas, as escavadeiras e as autoridades. Entretanto, o clima teria dado ainda um outro ritmo ao andamento da travessia de Monet, que não coincidia com aquele das máquinas em terra firme, nem com os anúncios sobre a chegada do progresso por vias marítimas.

Figura 2: Landing Monet, por Ruy César Campos



O aporte do cabo não aconteceu na data agendada por “impossibilidade climática”, mas a cerimônia oficial seguiu seu curso. O vídeo *Landing monet* (2017) foi composto por Ruy César Campos com imagens dessa cerimônia. O cabo viria a conectar Fortaleza à Boca Raton, nos Estados Unidos, em uma operação gerida por

quatro empresas: Angola Cable, Antel, Algar Telecom e Google. A chegada de Monet, que mobiliza escavações, discursos sobre o futuro e o progresso pode ser vista como uma encenação no trabalho de Ruy César Campos. A ausência do cabo, que teve sua vinda adiada por questões climáticas, não impede um determinado funcionamento daquilo que conta como infraestrutura como um dispositivo de fazer falar sobre o futuro, o desenvolvimento etc. Ao mesmo tempo, o trabalho de Campos evidencia uma certa co-dependência entre o engajamento prático com a tecnologia e a cooperação do clima, das forças políticas, entre outras coisas.

MERGULHO OCEÂNICO

Na videoinstalação *No Fundo das Marés* (2017), de Tabita Rezaire, a água é destacada como agente consequente e vigorosa, capaz de cura e de vingança. A repetição das formas, dos caminhos percorridos pelos dados via internet comercial através dos cabos submersos numa dinâmica fractal com as rotas das navegações da era colonial aparece em seu trabalho como uma das muitas memórias guardadas pelo oceano.

A artista Tabita Rezaire propõe um enlace no qual oceano é a principal referência, e “a água é uma tecnologia”. Corpo e mar estão entremeados, dessa forma, pois “nosso sangue é o nosso oceano íntimo, uma lembrança de nossos primórdios aquáticos” (2017). Assim, Tabita Rezaire, convida a uma espécie de mergulho. Lugar da memória dos traumas da colonização, o oceano é também o lugar onde os segredos das infraestruturas da internet teriam sido depositados para assim poderem permanecer, de certa forma, inauditos. Afirmando que “a água se lembra de tudo o que foi e o que será”, a artista enfatiza que o presente é o tempo que resta para se deixar um rastro de cura – em vez de continuar seguindo pelo mesmo velho traçado. Noções de tecnologia, avanço, novidade são especificamente desestabilizadas no seu trabalho.

Figura 3: No Fundo das Marés, videoinstalação de Tabita Rezaire



Ao sobrepôr os mapas das rotas de navegação da era colonial e o mapa dos cabos ópticos, ela sugere que essa memória dos oceanos também guarda tanto a potência de uma vingança aquática (que aparece de um jeito que pode ser um tsunami, um dilúvio ou o aumento do nível do mar) quanto a de cura pela água. No verbete dedicado à artista na Wikipédia https://en.wikipedia.org/wiki/Tabita_Rezaire ela aparece como uma terapeuta da saúde política-tecnológica, ou mais ou menos isso, que é como pode ser entendido numa tradução livre. A videoinstalação termina com a proposta de “deixar um rastro de cura” e, assim como o trauma do qual ela fala é um trauma específico – o trauma da colonização – essa cura não é qualquer cura, não é uma cura universal. Isso porque não segue o traçado pretensamente auto-evidente daquilo que se entende por desenvolvimento, daquilo que se envereda na mesma direção das antigas rotas coloniais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou se aproximar daquilo que conta como infraestrutura da comunicação e informação como um consistente enlace material-semiótico (HARAWAY, 2013) requerido para uma certa temporalidade, que tem como ritmo o tráfego rápido de dados entre continentes, movimenta um tipo específico de dado e de conhecimento e mobiliza determinadas narrativas para investigar quais questões uma etnografia podem trazer para esse arranjo, estendendo o trabalho para pensar com

três dos artistas que tiveram suas obras exibidas na exposição Campos de Invisibilidade.

Tal aproximação buscou o encontro com aquilo que pode contar como infraestrutura da informação e comunicação em práticas decididamente subjetivas, nas quais é permitido conhecer e falar a partir dos corpos, com os sentidos. Em perspectivas que não se dispõem a supor um sujeito do conhecimento descorporificado, infinitamente móvel que reserva para si a prerrogativa de negar a consequência e vivacidade de outros entes (HARAWAY, 1995; 2013). Corpos esses que não são tomados como auto-evidentes, mas que são constituídos nas estratégias de visibilidade e que engendram os encontros.

O que chamo aqui de visibilidade do encontro não deixa de ser constituído por perspectivas situadas vitais para a força política da crítica ao poder com a qual se aprende a desvelar e embargar a organização dos eixos de dominação. Entretanto, também procura um vislumbre de dimensões do desejo e da imaginação que não são redutíveis àquilo que os eixos de dominação conseguem organizar.

REFERÊNCIAS

- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia, subjetividade. Editora Sulina, 2013.
- BUENO, Cláudio e NOBRE, Ligia (curadores). **Campos de Invisibilidade**. Exposição realizada no Sesc Belenzinho entre 8 de novembro de 2018 e 4 de fevereiro de 2019. Assistência de Ruy César Campos. Sesc SP, São Paulo, 2018.
- CHARLES, Emma. Montanha Branca (White Mountain). Inglaterra, 2016.
- CAMPOS, Ruy César. Landing Monet. Brasil, vídeo, 2017.
- CASTELFRANCHI, Juri. **As serpentes e o bastão: Tecnociência, neoliberalismo e inexorabilidade** Tese apresentada no programa de doutorado em sociologia. Universidade Estadual de Campinas – Campinas, 2008.
- CURIEL, Ochy. **Descolonizando el Feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe**. Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista, realizado en Buenos Aires en junio de 2009.
- DE LA BELLACASA, Maria Puig. **Matters of care in technoscience: assembling neglected things**. Soc Stud Sci. Feb;41(1):85-106. 2010.
- DIAS, Susana Oliveira; RODRIGUES, Carolina Cantarino. Apresentação de Dossiê: Transes. E se artes e ciências? E se... e...? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, SP, n. 59, p. 57-61, 2012.

FAMA, Camila Montagner. **Experiências na serra: ideias sobre descentralização no hacklab rural Nuvem**. Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008 [1979].

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** 5:7-41, 1995.

_____. **Modest Witness@Second_Millennium.FemaleMan_Meets_OncoMouse: Feminism and Technoscience**. New York : Routledge, 1997.

_____. **When species meet**. University of Minnesota Press, 2008.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Em: HARAWAY, Donna et al. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. p. 33-118 Tradução e organização: Tomaz Tadeu 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. A game of cat's cradle: science studies, feminist theory, cultural studies. In: Arthur Kroker; Marilouise Kroker (eds.). **Critical digital studies: a reader**. Toronto: University of Toronto Press, pp. 59-69. 2013.

_____. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press. 2016.

INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. Nova York: Routledge, 2011.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela (Orgs.). **Vida & Grafias: narrativas antropológicas, entrebiografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 20-39.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annu. Rev. Anthropol.** 1995.

MYERS, Natasha. Rendering machinic life. In: COOPMAN, Catelijne et.al. (eds). **Representation in scientific practice revisited**. Cambridge and London: MIT Press. pp. 153-175. 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana** [online] vol.14, n.2, pp.455-475. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132008000200007&lng=en&nrm=iso

PRADO, Daniel Daza. Libertades con senderos que se bifurcan en red. 1º Congreso online de Gestión Cultural. 2016. Mesa 1: Experiências y proyectos de cultura y activismo digital. Disponível em: https://www.academia.edu/29194535/Libertades_con_senderos_que_se_bifurcan_en

[red. Fragmentos de una etnograf%C3%ADa de los grupos que crean Redes Libres Abiertas y Comunitarias.](#)

REZAIRE, Tabita. No Fundo das Marés (Deep Down Tidal). Videoinstalação. França/Guiana Francesa, 2017 Disponível em <https://vimeo.com/248887185>.

STENGERS, Isabelle. A constructivist reading of process and reality. **Theory, Culture and Society** 25 : 91– 110, 2008.

_____. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>

TSING, Anna; BUBANDT, Nils; GAN, Elaine, and SWANSON, Heather, eds. **Arts of Living on a Damaged Planet: Stories from the Anthropocene**. Minneapolis: University of Minnesota, 2017.

TRAWEEK, Sharon. “An introduction to cultural and social studies of sciences and technologies”. **Culture, Medicine and Psychiatry** 17:3-25, 1993

VIANNA, Bruno. Comparing Two Community Network Experiences in Brazil. Community networks: the Internet by the people, for the people. **Official outcome of the UN IGF Dynamic Coalition on Community Connectivity**. Rio de Janeiro: Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, 2017.

VICENTIN, Diego. **A reticulação da banda larga móvel: definindo padrões, informando a rede**. Tese (doutorado em Sociologia) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000973421>

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: **Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. Em: Bruno, Fernanda et al. Tecnopolíticas da Vigilância: perspectivas da margem. Boitempo: São Paulo, 2018.